

A PORTABILIDADE CULTURAL E SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DE SI

CULTURAL AND SOCIAL PORTABILITY IN SELF-CONSTRUCTION

Lídia Apolinário Pires 1
Rejane de Souza Ferreira 2

Resumo: No romance *Brooklyn* (2009), de Colm Tóibín, a protagonista Eilis porta consigo aspectos culturais da Irlanda enquanto está nos Estados Unidos e aspectos culturais dos Estados Unidos quando retorna à Irlanda. Por isso, averiguamos esses desdobramentos da transição de culturas que a protagonista experimenta como um processo de portabilidade cultural e social enquanto personagem diaspórica na obra, além de verificar como sua identidade é modificada ao longo da trama. Portanto, buscamos textos relacionados ao contexto histórico da Irlanda, a fim de compreender os motivos que levaram Eilis a emigrar como uma alternativa de crescimento econômico, entre eles: *A Rocky Road: The Irish Economy since 1920s* (1997), de Cormac Ó Gráda, e *Traditions of emigration: The Irish habits of going away*, de Enda Delaney (2011). Também utilizamos autores que nos ajudam a compreender aspectos específicos da obra como Camélia Raghinaru (2018) e Kathleen Costello-Sullivan (2012).

Palavras-chave: Irlanda. Brooklyn. Portabilidade. Espaço.

Abstract: In the novel *Brooklyn* (2009), by Colm Tóibín, the protagonist Eilis carries with her cultural aspects of Ireland while she is at the United States and cultural aspects of the United States when she returns to Ireland. Therefore, we investigate these developments of the transition of cultures that the protagonist experiences as a process of cultural and social portability as a diasporic character in the work, in addition to verifying how her identity is modified along the plot. Therefore, we seek texts related to the historical context of Ireland, in order to understand the reasons that led Eilis to emigrate as an alternative for economic growth, among them: *A Rocky Road: The Irish Economy since 1920s* (1997), by Cormac Ó Gráda, and *Traditions of emigration: The Irish habits of going away*, by Enda Delaney (2011). We also use authors who help us understand specific aspects of the work such as Camélia Raghinaru (2018) and Kathleen Costello-Sullivan (2012).

Keywords: Ireland. Brooklyn. Portability. Space.

Mestre em Letras (Literatura) pela Universidade Federal do Tocantins 1
UFT. Licenciada em Letras Português pela mesma universidade.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2802155370595817>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6580-2627>.
E-mail: apolinariolidia@gmail.com

Mestre e doutora em Letras e Linguística, com área de concentração 2
em Literatura pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutorado sanduíche
pela CAPES na University College Dublin.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2762142240750530>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2561-4581>.
E-mail: rejaneferreira@mail.uft.edu.br

Introdução

O romance *Brooklyn*, do irlandês Colm Tóibín está intimamente ligado às portabilidades cultural e social. Isto é, entendemos que Eilis, a protagonista, carrega consigo os aspectos culturais e sociais de seu lugar de origem quando passa por transformações pessoais em sua vida. Ao falar em portabilidade nos é comum vir à mente a significação que atribuímos a esse termo no âmbito das telecomunicações quando fazemos a transição de um plano ou operadora a outra. Por isso, utilizaremos esse caso para melhor exemplificarmos o uso desse termo que importamos de Kathleen Costello-Sullivan em seu livro *Mother Country: politics of the personal in the fiction of Colm Tóibín*. Para essa especialista em Tóibín,

Brooklyn é uma espécie de *Bildungsroman* diaspórico: a jornada de Eilis não apenas traça sua evolução pessoal, mas também expõe as maneiras pelas quais os contextos pessoais e culturais – e suas limitações – são portáteis, condicionando a resposta de um indivíduo e a percepção de seu ambiente. Mais do que apenas exílio, o romance aborda questões sobre a permeabilidade do espaço cultural, bem como a localização palimpséstica de um indivíduo em relação à identidade, cultura e história¹ (2012, p.190).

Retomando o exemplo das telecomunicações, temos a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), quando fazemos a transição de um plano ou operadora. Segundo a Anatel, a portabilidade numérica, assim referida na rede de telefonia corresponde à “[...] facilidade que possibilita ao cliente dos serviços de telefonia fixa (STFC) e móvel (SMP) de manter o número do telefone (código de acesso) a ele designado, independentemente da operadora de serviço a que esteja vinculado” (ANATEL, 2018, s/p). Isto é, mantém-se o número podendo trocar a operadora à qual está submetido além de outros serviços. Independente da aplicação aderida, a portabilidade oferece uma mudança ao mesmo tempo que assegura a vinculação a algo. A portabilidade nos oferece uma contraposição, um ato contrário, isto é, ao mesmo tempo em que se desvincula de algo, mantém-se vinculado a outra coisa. Seguimos o exemplo na telefonia quando uma pessoa mantém o número, porém troca de operadora, ela está se desassociando da primeira empresa, para começar a associar-se com a segunda, sem alterar seu código de acesso e prejudicar sua acessibilidade às outras pessoas.

Ao mesmo tempo em que há o movimento mudar-mantêr, há uma justaposição, no entanto, quando mencionamos portabilidade nesta pesquisa estamos nos referindo ao sentido de portar, assim como as telecomunicações o fazem. De acordo com o dicionário Houaiss portar significa “[...] trazer consigo (algo) enquanto se movimenta; levar carregar, transportar [...] ETIM lat. [...] ‘levar, trazer, transportar, conduzir etc’” (HOUAISS, 2009, p. 1528). Estendemos o sentido para outro verbete: “**portátil** adj. 2g. (1572) **1** que não é fixo a um determinado lugar; que pode ser transportado” (HOUAISS, 2009, p. 1528). Pensemos a portabilidade não só como a transição de uma operadora de telefone, mas estendendo ao próprio ser humano. A identidade do ser humano não é algo fixo, à medida em que ele se desloca entre espaços geográficos, sociais e culturais, sua identidade também se modifica, embora ele nunca consiga se desvincular completamente de sua identidade de origem.

É isso que percebemos acontecer com Eilis, uma jovem irlandesa que, devido às condições econômicas de seu país, emigra para os Estados Unidos, no início da década de 1950. Em terras americanas, ela se vê diante de uma nova cultura, de um novo ambiente e de ocorrências cotidianas que a levam a deixar ou até esquecer aos poucos sua origem, adaptando-se à outra. Eilis se vê diante de uma multiplicidade de culturas, italiana, judaica, africana, americana entre outras que se

1 Brooklyn is a kind of diasporic Bildungsroman: Eilis’s journey not only traces her personal evolution, but also exposes the ways in which personal and cultural contexts – and their limitations – are portable, conditioning an individual’s response to, and perception of, her environment. More than just exile, then the novel engages questions of the permeability of cultural space, as well as an individual’s palimpsestic placement in relation to identity, culture, and history.

agrega à sua. Pretendemos, portanto, observar como a mudança de país e o convívio com outros imigrantes afetam a protagonista, e como, uma vez afetada pelas experiências no Brooklyn, ela se apresenta de volta a Irlanda e principalmente como ela é afetada pelas transformações que vive. Para isso, faremos uma breve contextualização histórica trazendo algumas nuances a respeito da economia da época, que nos ajudará a compreender o contexto social em que se desenvolve a trama.

A diáspora e a portabilidade cultural em *Brooklyn*

Durante os sete séculos de dominação da Inglaterra sobre seu território, a Irlanda foi subjugada sendo lhe imposta as leis inglesas, o que abarca, também, medidas econômicas, como exclusividade comercial, tarifas e impostos, confiscação de terras e produtos. Até a segunda metade do século XX, a Irlanda possuía sua economia baseada principalmente na produção agrícola. Em referência a esse período, Cormac Ó Gráda afirma “[...] a agricultura foi e continua a ser mais importante para a Irlanda do que para qualquer outra economia no noroeste da Europa²” (1997, p. 41, tradução nossa). Na condição de dominados, os irlandeses se viam obrigados a entregar seus produtos aos ingleses. Diante disso, o país não possuía retorno financeiro que pudesse promover algum benefício.

Somada a condição de subalterna à Inglaterra, no ano de 1845 uma doença chamada ferrugem da batata, que consistia em um fungo, atingiu a grande maioria das plantações de batatas na Europa, e de maneira especial, na Irlanda que tinha a batata como a principal fonte de alimento de seu povo, e agora, estava seriamente comprometida. Esse acontecimento conhecido como a Grande Fome, ficou duramente marcado na memória coletiva dos irlandeses.

Com tamanho infortúnio, o país não possuía quase nada, a fonte de economia era escassa, e ainda restavam poucos habitantes, pois, se não morriam, emigravam e só iria começar a se reconstituir econômica e socialmente a partir da segunda metade do século XX. A população como uma tentativa de escapar da fome emigrava para outros países, segundo Irial Glynn, “[...] entre 800.000 e 1 milhão de irlandeses viajaram para a América do Norte com cerca de metade se estabelecendo no Canadá e a outra metade nos Estados Unidos³” (2012, s/p, tradução nossa).

Os problemas desencadeados pela Grande Fome foram sentidos ainda por muitos anos. Mesmo conquistando a muito custo sua independência em relação à Inglaterra, na primeira metade do século XX, o país ainda sofria com a pobreza, a economia e a quantidade de habitantes. Falamos, então, de uma época de conjuntura financeira delicada, que foi agravada ainda mais com a Grande Depressão que ocorreu em 1930. Osvlado Coggiola conta que, de uma maneira geral,

[a] depressão econômica da década de 1930 causou altas taxas de desemprego, quedas drásticas do PIB na maioria dos países, bem como na produção industrial, nos preços de ações e títulos públicos, e em praticamente todo indicador de atividade econômica. Durante essa década o volume do comércio mundial caiu como nunca em qualquer depressão precedente. Houve isolamento relativo das grandes economias nacionais e a formação de blocos econômicos (cujo enfrentamento conduziria à Segunda Guerra Mundial). Durante a guerra, os gastos armamentistas impulsionaram a recuperação econômica, que se prolongou no pós-guerra (a produção de automóveis, por exemplo, voltaria aos patamares de 1929, porém somente em 1949). (2015, p. 1).

A Irlanda, que estava consolidando sua autonomia, começava a presenciar um novo impasse com a queda da economia mundial. De acordo com Frank Barry e Mary E. Daly, “[a] guerra comercial e o crescimento do protecionismo afetaram a forma como a Grande Depressão foi percebida na

2 [...] agriculture was and remains more important to Ireland than to any other economy in northwestern Europe.

3 [...] between 800,000 and 1 million Irish sailed for North America with roughly half settling in Canada and the other half in the United States

Irlanda⁴” (2011, p. 2, tradução nossa). O país sofreu as consequências da crise econômica com mais força, poucos anos depois como contam Barry e Daly:

[a] Depressão exerceu um impacto mais suave e mais tardio na Irlanda do que na maioria dos outros países europeus. Embora os dados oficiais de renda nacional não estejam disponíveis, o conjunto de dados Maddison, derivado de várias fontes, registra 1933 como Pior ano da Irlanda⁵ [...] (2011, p. 2, tradução nossa).

Somada à queda da economia causada pela Grande Depressão, outro fator subsequente afetaria a economia irlandesa. Segundo Ó Gráda, a Irlanda “sofreu e foi parte da destruição do comércio mundial associada à grande depressão de 1930. Embora não fosse um participante, foi gravemente afetada pela segunda guerra⁶” (1997, p. 41, tradução nossa). A Irlanda mesmo não participando da guerra sofreu com a falta de matéria prima como carvão, por exemplo, fator que desestabilizava ainda mais a economia irlandesa.

No fim da década de 1940, o então presidente dos Estados Unidos Harry Truman aprovou o Plano Marshall que se trata de um programa dos Estados Unidos que oferecia empréstimos e doações financeiras aos países devastados pela Segunda Guerra, a fim de ajudar a reconstruir a Europa. A Irlanda, apesar de sua neutralidade durante o conflito fora incluída na lista do programa como uma das nações beneficiadas, visto que o país vivenciava uma crise financeira na época, e parecia propício aos Estados Unidos estabelecer uma parceria econômica com a ilha. No entanto, o presidente Éamon de Valera⁷ não aceitou participar do plano. O povo irlandês vivia sob um governo, nas palavras de Clair Wills, de: “[i]solamento, encarceramento e indiferença - o consenso é surpreendente⁸” (2007, p. 9, tradução nossa). A política protecionista adotada por De Valera evitava as ondas modernas como ideologias e tecnologias que surgiam no restante do mundo e conservava uma economia agrária e manufatureira. Dessa forma, negava-se o Plano Marshall bem como a política liberalista econômica estadunidense.

Muitos irlandeses mantinham-se neutros e indiferentes às notícias da guerra e de alguma forma sentiam-se distantes pelo discurso de neutralidade que a mídia difundia. Nessa época, o país passou por uma forte crise econômica afetando sua principal renda, a agricultura. Ó Gráda ainda acrescenta que “a proteção tarifária destinada a reviver a manufatura irlandesa produziu, em vez disso, um setor industrial estagnado, ineficiente e voltado para si⁹” (1997, p. 1). Isso se deve porque a Irlanda resguardava-se à ideia ruralista e protecionista. Aaron Zarenczanski explica que o:

[p]rotecionismo industrial levou a um crescimento das manufaturas ao longo das décadas de 1930 e 1940, mas perdeu força na década de 1950. Com um crescimento reduzido, houve uma crise do balanço de pagamentos e uma adoção de políticas contracionistas que impulsionou uma emigração em massa do país ao longo da década (2013, p. 13).

Na segunda metade do século XX, a Irlanda sofria mais uma vez uma época de baixa

4 The trade war and the growth in protectionism affected how the Great Depression was perceived in Ireland.

5 The Depression exerted a milder and more delayed impact on Ireland than on most other European countries. Though official national income data are not available, the Maddison dataset, which is derived from a variety of sources, records 1933 as Ireland's worst year [...].

6 It suffered from and it was part of the worldwide trade destruction associated with the great depression of the 1930. though not a participant it was badly affected by the second war.

7 Éamon de Valera (1882-1975) foi um dos líderes na luta contra o domínio britânico. Ocupou os principais cargos políticos governando no período de 1959 a 1973.

8 Isolation, incarceration and indifference – the consensus is striking.

9 Tariff protection aimed at reviving Irish manufacturing produced instead a stagnant, inefficient and inward-looking industrial sector.

economia. Houve, como consequência um impasse com o crescimento da população jovem e a qualificação deles e o declínio da taxa de emprego. Irial Glynn afirma, “poucos trabalhos estavam disponíveis para milhares de jovens que atingiam a maioria¹⁰” (2012, s/p, tradução nossa). Se o número de empregos se tornara reduzido para os jovens rapazes que ainda poderiam ajudar nos serviços do campo, a oportunidade para as mulheres, que já não possuíam visibilidade no mercado de trabalho, se tornara menor ainda.

É nesse contexto que se apresenta a principal personagem do *Brooklyn* Eilis Lacey. A protagonista vivia junto com sua mãe, May Lacey, e sua irmã mais velha, Rose. Seu pai havia falecido e em decorrência disso, sua mãe, viúva, contava com a pensão insuficiente do governo. Eilis possuía mais três irmãos, Pat, Martin e Jack que haviam emigrado para a Inglaterra em busca de melhores oportunidades de emprego, e vez ou outra, enviavam uma quantia para ajudar a mãe que ficara na Irlanda. Eilis, por sua vez, ainda não havia conseguido um trabalho, não podendo ajudar financeiramente em casa. Portanto, Rose que possuía emprego em uma respeitada empresa, tivera que assumir a responsabilidade de suprir as provisões da família.

A situação de Eilis começa a mudar logo nas primeiras páginas de *Brooklyn*, Eilis é surpreendida por uma jovem que bate à sua porta avisando-lhe que a dona de uma mercearia, senhorita Kelly, gostaria de lhe falar. Ao se reunir com a proprietária a jovem descobre ser uma oferta de trabalho aos domingos, como nos mostra o trecho:

Tenho a Mary que me ajuda, mas ela é muito lerda, e isso quando está bem, portanto estou à procura de alguém esperto, de alguém capaz de entender o que as pessoas querem e de dar o troco certo. Mas só aos domingos, sabe? No resto da semana, a gente consegue se virar. E você me foi recomendada. Andei perguntando a seu respeito e eu pagaria sete libras e seis *pence* por semana. Isso pode ajudar um pouco sua mãe” (TÓIBÍN, 2011, p. 12, grifos do autor).

Na circunstância em que Eilis se encontrava, qualquer oferta de emprego era bem-vinda mesmo ganhando um baixo salário e trabalhando apenas aos domingos: “Eilis se deu conta que não podia recusar a proposta. Era melhor do que nada e, no momento, ela não tinha nada” (2011, p. 13). A situação de Eilis era o reflexo da situação econômica do país, conforme apresentado anteriormente. Milhares de irlandeses estavam sem emprego no país e outros milhares emigravam como seus irmãos fizeram. Assim, a personagem aceitou o emprego que havia sido oferecido pela senhorita Kelly, mesmo que sua patroa humilhasse a ela e a sua família. As ações da senhorita Kelly sugeriam que ela estava fazendo uma prática de caridade a pessoas miseráveis:

Além disso, toda vez que Eilis ia embora, a srta. Kelly dava a ela um pão, que a garota sabia estar bolorento, para que levasse à sua mãe. “Ela deve pensar que vivemos na miséria”, disse a mãe. “O que ela acha que vamos fazer com um pão bolorento? Se Rose souber, vai ficar louca de raiva” (TÓIBÍN, 2011, p. 31).

Mesmo sendo explorada por sua patroa, a jovem poderia finalmente ter seu próprio dinheiro e não depender tão somente da sua mãe e irmã. Contudo, Rose achava que Eilis merecia um emprego melhor que ficar atrás de um balcão, como podemos observar no seguinte trecho:

Eilis sabia que a mãe de fato ficaria contente por ela ter encontrado um meio de ganhar dinheiro por conta própria, mas que Rose ia achar que trabalhar atrás do balcão de uma mercearia não era bom o bastante para ela. Eilis ficou

10 “[...] little work was available for thousands of young people coming of age”.

pensando se a irmã chegaria a lhe dizer isso diretamente (TÓIBÍN, 2011, p. 13-14).

Sem o provedor da família e morando em um país com um estado econômico preocupante, vendo sua irmã trabalhando em um emprego desprezível, Rose desejava tomar uma atitude em relação ao futuro da irmã. Ao conhecer no clube de golfe um padre irlandês que trabalhava nos Estados Unidos, a jovem decidiu convidá-lo para almoçar e conversar sobre a possibilidade de Eilis também trabalhar lá.

Ao contrário da Irlanda, a moça poderia conseguir um emprego melhor do que o oferecido pela senhorita Kelly, como o padre mesmo comenta, “‘Nos Estados Unidos’, disse, ‘haveria trabalho de sobra para alguém como você, e com um bom salário’ [...] ‘No Brooklyn, onde fica a minha paróquia, haveria serviço de escritório para alguém trabalhador, educado e honesto’” (TÓIBÍN, 2011, p. 33).

A proposta de sair não era nova para Eilis, já que seus irmãos haviam se instalado na vizinha Inglaterra, e até uma possível emigração da jovem já fora cogitada, como conta a própria May Lacey, mãe de Eilis, “‘Ela pensou em ir para a Inglaterra’, disse a mãe, ‘mas os rapazes disseram que ela esperasse, pois não era o melhor momento, e que talvez ela só conseguisse arranjar emprego numa fábrica’” (TÓIBÍN, 2011, p. 33). A emigração estava arraigada no povo irlandês. Assim como acontecera no século anterior, os irlandeses continuavam a sair de seu país, sendo a maior quantidade com destino à Grã-Bretanha ou para a América, além dos outros países. Enda Delaney conta que: “O Reino Unido será apenas um dos muitos destinos da nova diáspora irlandesa. Tradicionalmente, a Grã-Bretanha e os EUA e, em menor escala, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia eram os lugares para onde ir¹¹” (2011, s/p, tradução nossa). O próprio padre atuava numa paróquia em um outro país, bem como os irmãos de Eilis que se instalaram na Inglaterra. Agora, Eilis se via diante da possibilidade de ir.

Os Estados Unidos, por sua vez, expandiam cada vez mais o mercado de trabalho, e isso era um chamariz para os irlandeses. Conforme Elisa Abrantes, “[...] novas indústrias como o rádio, filmes, automóveis, e químicos prosperaram e o *american way of life* somado ao *glamour* de Hollywood, faziam dos Estados Unidos uma verdadeira oportunidade aos olhos dos irlandeses” (2010, p. 28-29, grifos da autora). Ir para Nova York era muito mais tentador para Eilis, financeiramente falando, que Birmingham, cidade em que seu irmão Jack morava. Contudo, ao ouvir sobre a cidade americana a mãe da jovem ficou apreensiva pela distância, apesar da segurança que o padre passava, ainda era longe e parecia mais perigoso:

“Mas fica muito longe”, observou a mãe. “É o único problema.”

“Algumas partes do Brooklyn”, disse padre Flood, “são iguaizinhas à Irlanda.

Estão cheias de irlandeses.”

[...]

“Seria uma oportunidade excelente, sobretudo quando se trata de uma pessoa jovem”, disse o padre Flood, afinal.

“Pode ser muito perigoso”, observou a mãe, com os olhos ainda cravados no chão.

“Não na minha paróquia”, disse o padre Flood. “É repleta de

11 But the UK will be only one of the many destinations for the new Irish diaspora. Traditionally Britain and the US and to a lesser extent Canada, Australia and New Zealand were the places to go.

gente adorável.

Há uma porção de centros de entretenimento em torno da paróquia, mais até do que na Irlanda. E há trabalho para qualquer um que queira” (TÓIBÍN, 2011, p. 33-34).

Rose já havia combinado com o padre sobre a possibilidade de Eilis mudar-se para a América, e com a insistência em afirmar que em sua paróquia Eilis poderia ter um trabalho mais digno e um salário melhor, não houve objeção por parte da mãe. Mesmo sendo difícil ter que se despedir de mais um membro da família, sabiam que seria a melhor maneira de se construir um futuro melhor. “No silêncio que se prolongou – ela percebeu –, ficou tacitamente acertado, não se sabia como, que Eilis iria para os Estados Unidos. O padre Flood, Eilis acreditava, tinha sido convidado para ir a sua casa porque Rose sabia que ele iria providenciar a viagem e o emprego” (TÓIBÍN, 2011, p. 34). A ideia de sua ida é aceita sem muitos questionamentos por parte de Eilis, que se manteve quieta observando as outras pessoas decidirem o curso da sua vida.

Mesmo com o histórico das diásporas e a grande emigração dos irlandeses no século anterior, que ainda ressoava pelo país, Eilis não pensava que um dia precisasse passar pelo mesmo processo: “Até então, Eilis sempre havia imaginado que iria morar na cidade a vida inteira, como a mãe tinha feito, que iria conhecer todo mundo ali, ter os mesmos amigos e vizinhos, a mesma rotina nas mesmas ruas” (TÓIBÍN, 2011, p. 39). A personagem desejava reproduzir a ideia do típico modo de vida irlandês defendido ao longo da maior parte do século XX. Nesse período, as ideias patriarcais e tradicionais vigoravam fortemente no coletivo, através principalmente dos discursos e instrumentos da esfera pública como as escolas, os vitrais da Igreja, os sermões dos padres e as leis do Estado.

O desejo de Eilis em ficar na sua cidade é um eco dos discursos nacionalistas que afirmavam que a mulher deveria ficar em casa, cuidando da família. Costello-Sullivan comenta que “Eilis é, portanto, uma garota de cidade pequena sem aspirações para fazer – ou ser – qualquer outra coisa¹²” (2012, p. 194, tradução nossa). Ela almejava possuir um emprego, encontrar um rapaz que lhe garantisse estabilidade financeira com quem poderia se casar, então deixaria o emprego e cuidaria da casa. A moça alimentava uma ideia compartilhada pela maioria das jovens, que foram criadas para pensar em seu futuro apenas de uma forma. Ela deveria casar-se e constituir uma família, assim como sua mãe fizera, bem como outras jovens pretendiam fazer.

Coube, portanto, ao padre Flood, auxiliar Eilis a mudar-se para o Brooklyn. Os padres irlandeses que possuíam prestígio e influência em suas paróquias e diante de boa parte da sociedade, intercediam junto aos seus paroquianos a fim de ajudar os jovens que pretendiam sair da Irlanda. A protagonista não seria, portanto, a primeira nem a única com o privilégio de mudar-se para Nova York e a desfrutar do auxílio de um sacerdote da Igreja Católica, visto que a atuação da instituição era operante e eficaz. O padre havia conseguido um emprego em uma loja de departamentos de um paroquiano, típico às jovens irlandesas naquele período como Begley conta,

E, graças a uma cultura que apoiava freiras e professores, essas mulheres eram capazes de atrasar o casamento e procurar emprego. Em meados do século XX, muitas mulheres irlandesas - que também se beneficiavam da capacidade de falar inglês - trabalhavam em supermercados, empresas de serviços públicos, restaurantes e, como Eilis, em lojas de departamentos. O fato de Eilis encontrar seu emprego através de seu padre também é típico¹³ (2015, s/p, tradução nossa).

12 Eilis is thus a small-town girl with no aspirations to do – or be – anything else.

13 And, thanks to a culture that supported nuns and teachers, those women were often able to delay marriage and look for jobs. By the mid 20th century, many Irish women—who also benefited from the ability to speak English—were working in supermarkets, utility companies, restaurants and, like Eilis, department stores. The fact that Eilis finds her job through her priest is also typical.

Atravessar o Atlântico significava mais que uma viagem. Segundo Camelia Raghinaru, “Sua passagem reconstrói uma experiência comum de imigração e exílio em Nova York para a classe trabalhadora irlandesa que busca escapar da falta de perspectivas das cidades pequenas da Irlanda depois da Segunda Guerra Mundial¹⁴” (2018, p. 44, tradução nossa).

A partir da travessia do Atlântico ela se desvincula da sua pátria e é transportada para uma outra. Há, portanto, um corte e um desprendimento da sua cultura de origem. Eilis iria para outra nação, com um diferente estilo de vida do que estava acostumada, no fundo sabia que não seria mais a mesma pessoa. Assim, um estágio da portabilidade é vivenciado pela protagonista na viagem de navio.

Eilis se instalara na pensão da senhora Kehoe, que, também, era do mesmo condado. A protagonista começa a se acostumar com sua nova rotina no Brooklyn, na pensão, com seu trabalho de atendente na importante loja italiana, Bartocci’s, e com o bairro em si. Devagar absorvia seus primeiros dias na nova terra. Era uma rotina totalmente nova, em um país totalmente novo.

No entanto, não só a personagem passava por um processo de transformação, mas o espaço do Brooklyn também perpassava uma mudança histórica. *É inevitável dizer que quem passa pelo processo de portabilidade nesse caso, causado pela diáspora, sofre uma desconstrução de si e uma reconstrução de sua identidade, o processo de migração afeta a disposição interna da personagem desvinculando-se de sua terra natal ao mesmo passo que se cria um vínculo com a nova terra. Segundo Raghinaru,*

Tanto “casa” e “Exílio” tornam-se estranhos no romance, e Eilis é um ajuste fraco em ambos Enniscorthy e Brooklyn. Mesmo que Eilis tema que o resto de sua vida no exílio seja uma luta com o desconhecido, desde o início da narrativa ela reconta os eventos diários de seu trabalho na loja como se fossem narrativas destinadas a separá-la de si mesma¹⁵ (2018, p. 47, grifos da autora, tradução nossa).

Ao chegar à América, Eilis sente que não pertence àquele lugar, deslocar-se de seu país e iniciar um novo estilo de vida não lhe parecia algo simples. Nova York não era Enniscorthy, sua cidade de origem, de onde pensou que nunca sairia. Ao passar pelo processo de migração tudo se torna novo, sua rotina é diferente, há a multietnicidade singular que o Brooklyn lhe proporciona, o espaço geográfico, expressões inauditas, entre outros fatores que não deixam de ser estranhos a Eilis. Ela começa a se estabilizar no novo ambiente e a sentir-se pertencente a ele. Quando volta para a Irlanda por ocasião da morte da irmã, Eilis não se sente pertencente mais à sua antiga casa, de onde não desejava sair. A personagem era uma pessoa estranha em seu antigo lar. Eilis se encontra em um processo de transição, uma outra portabilidade, agora partindo da terra em que se adaptou para a sua cidade de origem. Pensamos, pois, o entre-lugar, utilizando as palavras de Denílson Lopes, não como um “[...] um não-lugar, mas uma outra construção de territórios e formas de pertencimento [...]” (s/d, p. 4). Eilis vive uma portabilidade cultural e pessoal, sofrendo dois movimentos de transição: quando sai de sua casa e emigra para os Estados Unidos, e quando, depois de um tempo morando no exílio, volta para a Irlanda. A cada movimento de transição que Eilis faz, ela sofre alguma mudança ao mesmo passo que ela mantém algo em si. Um simples exemplo se mostra quando Eilis vai para os Estados Unidos ela carrega roupas irlandesas mais contidas. Quando volta para sua terra, Eilis carrega na mala roupas ao estilo americano, de cores mais vibrantes.

Utilizando as palavras de Stuart Hall, a diáspora “[e]stabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”

14 Her passage reconstructs a common experience of immigration and exile to New York for the Irish working class seeking to escape the lack of prospects in small-town Ireland after the Second World War.

15 Both “home” and “exile” become uncanny in the novel, and Eilis is a poor fit in both Enniscorthy and Brooklyn. Even though Eilis fears that the rest of her life in exile will be a struggle with the unfamiliar, from the beginning of the narrative she retells the daily events of her work at the store as if they were narratives meant to detach her from herself.

(2001, p. 12). Eilis, por exemplo, sai do seu país, da sua pátria-mãe, ruralista e nacionalista, que valoriza a manutenção da sua cultura e suas tradições e mergulha em um meio social novo, que possui cultura e tradições diferentes do que estava acostumada.

Porém, da mesma forma que Eilis aprende o jeito americano de ser, com o passar dos dias, ela também ensina aos americanos costumes irlandeses, como a dança nos bailes, por exemplo. Ao pensarmos em uma dimensão maior, uma grande quantidade de imigrantes em um espaço tem o poder de modificar parte de uma nação. Tanto o imigrante quanto o país que o recebe, sofre um processo de transculturação, o imigrante ao chegar ao país estrangeiro é portador da sua cultura de origem, ele preserva parte da sua cultura, mas passa pelo processo de migração agregando em si elementos de outra cultura, como a inculturação expressões idiomáticas por exemplo, assim como a pessoa que mantém o número do seu telefone, mas migra de operadora, aproveitando as possibilidades que a nova empresa lhe oferece. Para explicar ainda melhor o conceito de transculturação, apresentaremos direto a definição de Fernando Ortiz:

[...] o termo *transculturação* expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura para outra, porque isso não consiste apenas em adquirir uma cultura diferente, que é o que de fato indica a voz de *aculturação* anglo-americana, mas que o processo também implica necessariamente a perda ou desenraizamento de uma cultura precedente, o que poderia ser dito uma *desculturação* parcial, e, além disso, significa consequente criação de novos fenômenos culturais [...] (1983, p. 89, grifos do autor, tradução nossa).

O Brooklyn recebia muitas pessoas de diversos países que viviam suas culturas em uma conjuntura diferente: judeus, italianos, irlandeses e afro-americanos entre outros imigrantes de diversas partes do mundo se instalavam naquele lugar que oferecia aluguéis com preços mais baratos atraindo imigrantes não só de outros países, como também os americanos, em especial os afro-americanos, descendentes de imigrantes africanos. Com isso, tanto o espaço como as pessoas que o ocupavam perpassavam por esse palimpsesto cultural.

“O Brooklyn muda todo dia”, disse a srta. Bartocci, enquanto o padre Flood fazia que sim com a cabeça. “Sempre chega gente nova, e podem ser judeus, irlandeses ou até gente de cor. Nossos clientes antigos estão se mudando para Long Island, e como não podemos ir com eles para lá precisamos de novos clientes todas as semanas. Tratamos todo mundo do mesmo jeito” (TÓIBÍN, 2011, p. 76-77).

A senhorita Bartocci pedira aos empregados que tratassem a todos que frequentassem a loja sem distinções, citando até “gente de cor”, referência que se volta para o início da presença da população descendente dos imigrantes africanos no Brooklyn, que depois se tornariam um dos elementos principais da identidade do bairro. O bairro torna-se um polo de pessoas que saem de suas terras para refugiarem-se naquele espaço. Com o crescimento econômico os italianos e judeus principalmente, mudam-se para áreas como Long Island promovendo uma rotatividade de imigrantes que, em busca de preços menores de aluguéis acabam por se mudar para o bairro em questão. E, cada novo imigrante que se instala no bairro, inconscientemente promove uma parte da sua constante construção.

No que diz respeito à influência da diáspora irlandesa, pode se dizer que os irlandeses deixaram seu legado não só quanto ao sangue e descendência, desde o século anterior estendendo-se pelos anos 1950, mas também na construção civil, principalmente das igrejas católicas, sendo praticamente todas construídas por esse povo. Segundo Sara Begley,

[q]uando a fome da batata mandou multidões de imigrantes para os Estados Unidos, a cidade de Nova York viu o início de uma nova infra-estrutura de imigrantes na qual os irlandeses acabariam dominando poderosos sindicatos, empregos no funcionalismo público e instituições católicas na cidade. Dada a sua firme posição no trabalho de construção durante um período crítico de crescimento em Manhattan (2015, s/p, tradução nossa).

O fruto da diáspora se estende por muitos anos, a maior parte não voltava para sua terra. Muitos irlandeses conseguiam nesse processo progredir em terras americanas. Outros, por outro lado, viviam em sua pobreza. O padre Flood por ocasião da festa de Natal organizara em sua paróquia uma reunião acolhendo alguns irlandeses que viviam na cidade de Nova York e chama Eilis para ajudá-lo, junto a outros paroquianos. A grande maioria daquelas pessoas já estavam há muito tempo em terras americanas e haviam perdido o contato com seus parentes na Irlanda e nem tinham meios de voltar. São pessoas que haviam se distanciado da família e do seu país de origem, no entanto, apesar de tantos anos ainda carregavam em si resquícios da sua terra e da sua cultura. Dessa forma, representavam naquele evento a manutenção de um povo em terras estrangeiras, cantando músicas tradicionais, comendo pratos típicos, bebendo sua cerveja e conversando em irlandês.

Vemos nessa imagem a portabilidade cultural refletida nos homens que mesmo com o corte que sofrera com seu país ainda mantinham aspectos importantes da sua cultura como o uso da língua irlandesa, comumente utilizada no oeste da Irlanda, lado oposto de onde se situa Enniscorthy, cidade natal de Eilis, onde a língua predominante é a língua inglesa, imposta pela colonizadora. Em comparação com a portabilidade na telefonia, poderíamos afirmar que, mudou-se o endereço, porém o número ainda permanece o mesmo. Eilis estava diante de pessoas que mesmo em terras diferentes da sua terra natal, ainda mantinha suas tradições, e mais precisamente sua língua genuína.

Perante tantas pessoas de diferentes culturas os relacionamentos multiétnicos se tornavam cada vez mais comuns. Não diferente acontecera com Eilis. Em um tradicional baile irlandês Eilis conhece um jovem de família italiana chamado Tony. Depois de alguns encontros eles começam a namorar. Eilis é apresentada à família de seu namorado e dessa maneira acaba por ser imersa na cultura italiana a qual ela havia tido pouco contato, resumido praticamente à loja em que trabalhava, a Bartocci's. *Eilis absorva no ambiente portátil do Brooklyn lentamente se vê despreendendo dos valores e da tradição que carregara consigo na Irlanda, e aos poucos aprendendo o jeito americano de se viver.* Tudo corria bem quando o padre Flood fora a loja em que Eilis trabalhava para conversar com ela.

Era um cômodo pequeno, e o padre Flood estava sozinho, sentado numa cadeira. Levantou-se de modo hesitante e fez sinal para que a srta. Fortini os deixasse a sós.

“Eilis”, disse ele. “Eilis.”

“O que aconteceu?”

“É a Rose.”

“O que houve com ela?”

“Sua mãe encontrou-a morta hoje de manhã.”

Eilis não disse nada.

“Deve ter morrido enquanto dormia”, disse o padre Flood.

“Morreu dormindo?”, perguntou Eilis, enquanto tentava se lembrar da última vez que tivera notícias de Rose ou de sua mãe e se havia algum indício de que algo não ia bem.

“Sim”, disse ele. “Foi uma morte súbita. Ontem ela foi jogar golfe e estava em ótima forma. Morreu dormindo, Eilis.” (TÓIBÍN, 2011, p. 208-209).

Com a morte da sua irmã, Rose, Eilis sentiu que deveria voltar para sua casa. Tony pressentira que correria o risco de perder sua namorada, se ela fosse para a Irlanda visitar a família, poderia não voltar mais. Então, como uma forma de garantia, propôs se casarem. Após saber da notícia da morte de sua irmã, Eilis havia quebrado uma regra importante da pensão levando Tony ao seu quarto. Agora estava praticamente sem um teto. Fora contra as regras do local, e mais do que ir contra as imposições de uma casa ela feria a moral de seu povo, pois aos olhos da senhorita Kehoe, Eilis era vista como o exemplo a ser seguido, e se orgulhava de sua conterrânea. A jovem ao trair a confiança da senhorita Kehoe, guardiã dos bons costumes irlandeses em terras estrangeiras, traía também seu povo. Nas palavras de Raghinaru, “Eilis resolve suas decepções, indeterminações e contradições em sua aceitação de seu casamento com Tony¹⁶” (2018, p. 51, tradução nossa). Casando-se com Tony, a jovem estaria legitimando sua relação com ele, se sentiria aliviada por ter um teto para se morar e ainda se reconciliaria com a ética tradicional irlandesa. Enquanto imersa na cultura da sua terra natal, o casamento seria o ponto culminante da sua vida, ela trabalharia até encontrar um bom pretendente para se casar e assim, sairia do emprego para cuidar da casa.

Na década de 1950, ainda vivendo o período pós Segunda Guerra, a sociedade americana buscava a prosperidade revelando o *american way of life* que consistia no modelo americano ideal em que o esposo possuía um bom emprego e a mulher, sendo a esposa e dona de casa perfeita, dedicada ao lar e aos filhos, modelo que se assemelha ao lar irlandês. As mulheres a quem se restringia o espaço do lar, sendo impedidas de trabalhar fora não se conformavam mais com tais imposições, uma vez que haviam assumido papéis públicos enquanto grande parte dos homens lutavam na guerra. Com isso, a força de trabalho feminina pós-guerra ainda apresentava um número significativo, mas que era ofuscada pela propaganda glamourosa do *american way of life*. Vanessa Martins Lamb conta que:

Mesmo com todos os esforços nacionais para manter mulheres em seu papel de dona de casa, muitas delas estavam encontrando no trabalho (por necessidade ou por opção) uma maneira de cumprir uma vida que não poderia ser completada apenas pela vida familiar. [...]. Como a maioria dessas mulheres trabalhava em meio período, demonstra visivelmente que a casa e a família eram prioridades, mas não a única preocupação¹⁷ (2011, p. 14-15).

A personagem se preocupava em ter que deixar de trabalhar, ainda mais agora que estava cursando contabilidade no Brooklyn College e poderia ter a oportunidade de crescer ainda mais profissionalmente, opção que nunca lhe ocorrera enquanto estava na Irlanda, nem, possivelmente ocorreria se ainda permanecesse lá. No entanto, mesmo com a preocupação Eilis aceitou casar-se

16 Eilis resolves her disappointments, indeterminacies and contradictions in her acceptance of her marriage to Tony.

17 Even with all the national efforts to maintain women in their housewife role, a great many of them were finding in work (by necessity or by option) a way to fulfill a life that couldn't be completed only by family life. [...]. Since the majority of these women were part-time workers, this visibly demonstrates that the house and the family were priorities, but not their only concern.

com Tony. Raguinaru comenta que “[a] maneira como ela abraça um futuro com ele é, em muitos aspectos, o cumprimento do mítico sonho americano prometido aos imigrantes¹⁸” (2018, p. 51, tradução nossa). Tony é visto pela protagonista como uma proposta de futuro. Ele possuía um terreno e iniciaria uma empresa com seus irmãos, sonhando em crescer economicamente tal qual outras famílias italianas como a Bartocci’s.

As mulheres eram consideradas meticulosas e flexíveis, Eilis ainda se destacava no ofício de contabilidade, finalizando sua faculdade com boas notas. Se a empresa desse certo, seria um ganho para Tony ter a jovem irlandesa ao seu lado cuidando das finanças, ao mesmo passo, a protagonista teria um refúgio para se instalar e ainda poderia cuidar do serviço que gostava da maneira como lhe aprouvesse.

Eilis decide então visitar sua mãe. Já na Irlanda convivendo com suas amigas, percebera como sua terra Natal continuava a mesma sem grandes mudanças naquele meio. Com o passar dos dias percebia que sua amiga Nancy, noiva de um importante rapaz da cidade, já começava a assumir sua posição como esposa. Ao vê-la, a protagonista constatou que a imagem de esposa ideal já começara a se formar na sua amiga. Nancy não mudara tanto em todo aquele tempo, a jovem era mais um retrato da estagnação do país. Enquanto Eilis construía um futuro com Tony, casada e ao mesmo tempo trabalhando, Nancy se preparava para ser a esposa perfeita, aparentemente despreocupada se teria de trabalhar, pois ainda não se pensava em casar e ter um emprego ao mesmo tempo, ainda mais quando seu noivo pertencia a uma importante família. A protagonista, ao conversar com suas amigas, percebia que seu casamento parecia destoante da sua tradição:

Em toda aquela conversa de namorados e planos de casamento, Eilis se deu conta de que se contasse a Nancy ou a Annette sobre seu próprio casamento, agora secreto, presenciado só por ela e Tony e mais ninguém, as duas iriam reagir com silêncio e perplexidade. Pareceria algo estranho demais” (TÓIBÍN, 2011, p. 255).

Por outro lado, Eilis estava diferente. Parecia uma jovem mais glamourosa, que já possuindo fama de inteligente, retorna com a notícia que era boa aluna em uma renomada instituição de ensino, tornando-a popular. Nota-se uma mudança nas atitudes de Eilis, comportava-se não mais como a típica irlandesa que era, mas com atitudes que refletem a cultura americana. Costello-Sullivan afirma que “[i]sso parece sugerir um grau competitivo de imersão em seu novo espaço e lugar americano, um enraizamento que supera seus espaços nativos. A esse respeito, Eilis também carrega suas experiências de Brooklyn de volta para Enniscorthy¹⁹” (2012, p. 214, tradução nossa). Eilis sofre um processo de portabilidade inverso, dessa vez, Eilis já se mostrava muito mais americana, transparecia cada vez mais a cultura estadunidense enraizada em sua identidade desvinculando-a cada vez mais da sua cultura de origem.

Ao chegar em casa vira que havia uma carta. Era de Tony, seu esposo, dizendo que sentia falta. Eilis não deixava de sentir-se incomodada com a carta. Ela se divertira naquela tarde que passara com seus amigos. Quase esquecera do tempo em que vivera no Brooklyn, “[...] ela ficara longe de Tony, muito longe, se aquecendo no conforto de uma familiaridade que surgira de repente” (TÓIBÍN, 2011, p. 262). Eilis finalmente sentia-se em casa em sua terra de origem, com sua mãe e seus amigos, agora, tudo parecia ser mais confortável.

Agora Eilis gostaria de não ter se casado com ele, não porque não o amasse e não pretendesse voltar para ele, mas porque o fato de não poder contar nada à mãe e às amigas transformava

18 The way she embraces a future with him is, in many ways, the fulfillment of the mythic American dream promised to immigrants.

19 This would seem to suggest a competing degree of immersion in her new American space and place, a rootedness that trumps her native spaces. In this respect, Eilis also carries her experiences of Brooklyn with her back to Enniscorthy.

todos os dias que havia passado nos Estados Unidos em uma espécie de fantasia, em algo que ela não conseguia relacionar com o tempo que estava passando em casa. Dava a sensação estranha de que ela era duas pessoas, uma que havia enfrentado dois invernos gélidos e muitos dias penosos no Brooklyn e que tinha se apaixonado lá e outra que era a filha de sua mãe, a Eilis que todos conheciam, ou achavam que conheciam (TÓIBÍN, 2011, p. 262).

Sendo chamada para trabalhar na Davis Mill's, no cargo que era de sua irmã, Eilis mostrava que podia oferecer perspectivas atraentes. Jim Farrell, que era um rapaz de boa família e certa estabilidade financeira, demonstrara interesse nela. "Eilis tinha plena consciência de que aqueles olhos azuis agora se demoravam sobre ela com um interesse inequívoco" (TÓIBÍN, 2011, p. 269). Eilis experimenta mais uma vez o processo de portabilidade quando leva consigo para a Irlanda aspectos do jeito americano, como as roupas mais coloridas, um bronzeado, ter feito uma faculdade de contabilidade. Ao mesmo tempo em que Eilis transporta as roupas americanas, por exemplo, ela transporta elementos daquela cultura que já estava sendo enraizada nela tornando-a diferente das suas amigas irlandesas, Eilis não deixara de ser irlandesa, contudo, a americanização a tornara mais interessante do que era antes. Nas palavras de Raghinaru,

[o] paroquialismo de Eilis, a princípio, e cosmopolitismo, mais tarde, são características decisivas que se tornam forças motrizes por trás de sua integração social e perspectivas de casamento. Ela é inicialmente impedida de oportunidades promissoras de emprego e casamento devido a sua ingenuidade e falta de sofisticação. Como uma imigrante irlandesa, Eilis torna-se no curso do romance um cosmopolita das margens, um dos recém desarraigados e, finalmente, um eu dividido²⁰ (2018, p. 44, tradução nossa).

Tudo parecia bom para Eilis, como um sonho. Conseguira o cargo que almejava, agora que havia se formado no Brooklyn College, em uma empresa de renome em Enniscorthy, estava saindo com alguém importante na cidade que, além de respeito diante da sociedade ainda possuía estabilidade financeira. Tudo parecia conspirar para que Eilis conseguisse construir uma boa vida em sua cidade natal de acordo com seus costumes. Contudo, Eilis tinha se casado com um rapaz no Brooklyn, por mais que se distanciasse de Tony, o casamento ainda a mantinha presa. A situação em que ela se encontrava não vem a ser tão simples como aparentava. Conforme Raghinaru:

A morte de Rose catapulta Eilis de volta ao seu passado de uma forma que a força a chegar a um acordo com a irrupção da modernidade que varre a Irlanda como faz através da América. O que estava parado no passado - um emprego, casamento, uma casa, posição social - vem em inundações na pessoa de Jim Farrell²¹ (2018, p. 48, tradução nossa).

A jovem estava diante dos dois rapazes que representam duas realidades distintas entre a tradição e o moderno. Jim como a reprodução do jovem de família tradicional irlandesa, que já possuindo uma herança oferecia uma estabilidade financeira. Dessa forma, Jim é a representação

20 Eilis's parochialism, at first, and cosmopolitanism, later on, are both decisive characteristics that become driving forces behind her social integration and marriage prospects. She is initially barred from promising job and marriage opportunities due to her naivety and lack of sophistication. As an Irish female immigrant, Eilis becomes in the course of the novel a cosmopolitan from the margins, one of the newly uprooted, and ultimately a split self.

21 Her sister Rose's death catapults Eilis back into her past in a way that forces her to come to terms with the onrush of modernity that sweeps through Ireland as it does through America. What was stalled in the past—a job, marriage, a home, social standing—comes in flooding in the person of Jim Farrell.

do passado, da tradição e dos costumes irlandeses. De outro lado, Tony, filho de imigrantes italianos em terras americanas, que é retratado como um reflexo da ascensão financeira e a construção de um patrimônio. Tony possui grandes planos para o futuro em um país que se tornara um símbolo do que há de moderno, em um bairro multiétnico em que residem pessoas de diversas culturas. Eilis está diante de um binarismo causado depois que assume a condição de imigrante.

Depois de tanto tempo, Eilis não sentia vontade de voltar ao Brooklyn e a sua rotina. A Irlanda oferecia mais conforto para ela que os Estados Unidos. Eilis imaginava o que faria se Jim a pedisse em casamento. Para as leis, a moral e os costumes irlandeses, a vaga ideia de seu casamento com Tony era absurda, a ideia de divorciar-se então era inconcebível, e Eilis possuía plena consciência da sua situação.

No entanto, Eilis não conseguia se obrigar a parar de pensar no que aconteceria se tivesse de escrever a Tony para dizer que o casamento deles fora um erro. Seria muito difícil se divorciar? Seria ela capaz de contar a Jim o que tinha feito no Brooklyn tão pouco tempo antes? A única pessoa divorciada que os moradores da cidade conheciam era Elizabeth Taylor e talvez mais algumas estrelas do cinema. Talvez fosse possível explicar a Jim como ela acabara se casando, mas ele era uma pessoa que nunca tinha vivido fora da cidade. Sua inocência e sua cordialidade, duas coisas que faziam dele uma boa companhia, representariam na verdade limitações, pensou Eilis, sobretudo quando se levantasse o assunto do divórcio, algo desconhecido e impraticável ali (TÓIBÍN, 2011, p. 283).

Movida pela vida americana e pelo entusiasmo empreendedor de Tony que comprara um terreno em uma parte promissora da cidade junto com os irmãos, somada à ideia que não teria oportunidades na Irlanda como na América, e assim não voltaria para sua terra natal a não ser com a intenção de visitar, levava Eilis a aceitar casar-se com Tony. *Raghinaru explica que* “Existe, assim, uma maneira pela qual a experiência do imigrante é enredada sigilo, ambiguidade e complexas decisões morais encontradas na interseção entre o chamado da nova vida e suas contradições vis-à-vis o chamado de o antigo²²” (2018, p. 50, tradução nossa). Eilis, após ter passado pelo processo de desprendimento que a portabilidade oferece, cogitava a ideia de divorciar-se de Tony. Somente o fato de ter se relacionado com Jim, enquanto esposa de Tony já mostra a quebra das tradições e dos valores morais, visto que nas leis que vigoravam na época tratavam o casamento como instituição sagrada indissolúvel, isto é, uma vez casada deveria permanecer com ele até o fim de suas vidas. Raghinaru afirma que “Eilis é incapaz de divulgar seu estado civil para Jim, porque o divórcio, enquanto relativamente aceito socialmente na América, é quase inconcebível para um homem próspero da classe média como Jim²³” (2018, p. 50, tradução nossa). Eilis sabia que “[a] despeito do que decidisse, pensou, não existia um modo de evitar as consequências do que já havia feito ou do que pudesse vir a fazer” (TÓIBÍN, 2011, p. 285). A situação de Eilis tornou-se mais complicada quando a senhorita Kelly mandara chamá-la para conversar anunciando que sabia do casamento da jovem.

Eilis decidiu que, já que estava casada com Tony, deveria voltar e ficar ao lado dele. Seria, também, a maneira de preservar sua mãe e Jim de maiores escândalos. Eilis marcou sua passagem de volta e, em casa, decidira contar para sua mãe a verdade:

Mãe, tem uma coisa que eu devia ter contado à senhora logo

22 There is, thus, a way in which immigrant experience is entangled with secrecy, ambiguity, and complex moral decisions found at the intersection between the call of the new life and its contradictions vis-à-vis the call of the old one.

23 Eilis is unable to disclose her marital status to Jim, because divorce, while relatively socially accepted in America, is almost inconceivable to a prosperous middle-class man such as Jack.

que cheguei, mas tenho de contar agora. Eu me casei no Brooklyn antes de vir para cá. Sou casada. Devia ter contado à senhora assim que cheguei (TÓIBÍN, 2011, p. 297).

Eilis então volta para o Brooklyn, espaço que já enraizara nela, casada com Tony teria seu novo lar, já que seu lugar de origem lhe era mais estranho que o exílio. Costello-Sullivan constata: “Como resultado, Eilis descobre que suas experiências culturais são permeáveis e entrelaçadas, assim como as comunidades diaspóricas estão interligadas e, até certo ponto, inextricáveis²⁴ (2012, p. 218, tradução nossa). Movida então pela consciência da tradição que ainda portava do seu lugar de origem, resolvera voltar para o país que lhe oferecera oportunidades não só de progresso, mas de transformação da sua identidade.

Considerações Finais

A portabilidade na área de telecomunicações se dá quando uma pessoa decide mudar de operadora mantendo o mesmo número. O empréstimo do termo portabilidade ao ser empregado na análise do romance em questão nos leva a considerar que mesmo longe de sua cultura de origem ou em outro contexto social, elementos da cultura de origem permanecem mesmo que aos poucos vá se perdendo, permitindo que aspectos de outras culturas, outros hábitos ou ideologias sejam agregadas à identidade.

Esse é o processo que acontece com o caráter identitário de Eilis pois, mesmo morando na América, ela ainda mantinha consigo elementos da moral e da tradição irlandesa. No entanto, um pouco da tradição se perdeu dando espaço para elementos da cultura americana que, enraizando nela a tornava uma pessoa diferente. Ao longo da obra, percebemos que a protagonista sofre continuamente transformações em sua identidade. Com isso, consideramos que a construção de si, isto é, da sua identidade não se trata de algo imutável e acabado, mas de um movimento contínuo que atua, em especial, no sujeito diaspórico.

Referências

ABRANTES, Elisa. **O passado que não passa: memória, história, e exílio na ficção de Edna O'Brien**. 2010. 242 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2011-01...2742/.../Tese%20Elisa.pdf. Acesso em: 23 fev. 2019.

ANATEL. **Portabilidade Numérica**. Publicado: Terça, 19 de Junho de 2018, 08h15 | Última atualização em Sexta, 31 de Agosto de 2018, 16h19 | Acessos: 28959. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/dados/control-de-qualidade/portabilidade>. Acesso em: 26 ago. 2019.

BARRY, Frank; DALY, Mary E. **Irish Perceptions of the Great Depression**. IIS Discussion Paper No. 349. 2011. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.692.7235&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BEGLEY, Sara. **Brooklyn and The True History of Irish Immigrants in 1950s New York City**. Disponível em: <http://time.com/4097071/brooklyn-irish-immigrants-history/>. Acesso em: 24 fev. 2019.

COGGIOLA, Osvaldo. **A crise de 1929 e a Grande Depressão da Década de 1930**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/287205265_A_Crise_de_1929_e_a_Grande_Depressao_da_Decada_de_1930. Acesso em: 27 mar. 2019.

COSTELLO-SULLIVAN. **Mother/Country: Politics of the Personal in the Fiction of Colm Tóibín**.

²⁴ As a result, Eilis learns that her cultural experiences are permeable and interwoven, just as diasporic communities are intertwined and to a degree inextricable.

Oxford: Peter Lang, 2012.

DELANEY, Enda. Traditions of emigration: The Irish habits of going away. **Irish Times**, Wed, Nov 2, 2011, 15:05. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/blogs/generationemigration/2011/11/02/traditions-of-emigration-the-irish-habit-of-going-away/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

GLYNN, Irial. **Irish Emigration History**. Disponível em: <https://www.ucc.ie/en/emigre/history/>. Acesso em: 24 fev. 2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAMB, Vanessa Martins. **The 1950's and the 1960's and the American Woman: the transition from the "housewife" to the feminist**. History, 2011. Disponível em: <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-00680821/document>. Acesso em: 24 fev. 2019.

LOPES, Denílson. **Do Entre-Lugar ao Transcultural**. Disponível em: https://www.academia.edu/3132094/Do_EntreLugar_ao_Transcultural. Acesso em: 13 mar. 2019.

Ó GRÁDA, Cormac. **A Rocky Road: The Irish Economy since 1920s**. Manchester University Press, Oxford, UK, 1997. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zVHgO4nkhkC&printsec=frontcover&dq=a+rocky+road&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiVuub4NfgAhVyBtQKHymLDdAQ6AEIKTAA#v=onepage&q=a%20rocky%20road&f=false>. Acesso em: 25 fev. 2019.

ORTIZ, Fernando. **Del fenómeno social de la «transculturación» y de su importancia en Cuba**. Disponível em: http://www.fundacionfernandoortiz.org/downloads/ortiz/Delfenomeno_social_de_la_transculturacion.pdf. Acesso em: 23 fev. 2019.

RAGHINARU, Camelia. Recessive Action in Colm Tóibín's Brooklyn. **Text Matters**, v. 8, n. 8, 2018, p. 43-54.

TÓIBÍN, Colm. **Brooklyn**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WILLS, Clair. **That Neutral Island: A Cultural History of Ireland During the Second World War**. London: Faber and Faber Limited, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=T3Cb6zib2IC&oi=fnd&pg=PP13&dq=world+war+republic+of+ireland&ots=RFR2WPmTBC&sig=D7-UkuO9rBTruKqTORToX8lbsql#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 28 mar. 2019.

ZARENZANSKI, Aaron. **Análise da Crise Econômica na Irlanda Sob a Ótica de Minsky**. 2013. 45 f. Monografia (Bacharelado em Economia e Administração) – Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2013. Disponível em: http://dspace.insper.edu.br/xmlui/bitstream/handle/11224/158/Aaron%20Zarenczanski_Trabalho.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 mar. 2019.